

A escritora negra no Brasil: memória do alijamento e inclusão no mercado editorial

Rejany Lopes de Oliveira ⁽¹⁾ e
Heleno Álvares Bezerra Júnior ⁽²⁾

Data de submissão: 4/6/2021. Data de aprovação: 7/10/2021.

Resumo – Este trabalho tem por objetivo selecionar episódios específicos da História do Brasil que ressaltam a memória da participação intelectual da mulher negra na produção da literatura brasileira a partir do século XIX mediante a escolha de textos presentes em **Antologia pessoal de Carolina Maria de Jesus** (1996), **Poemas da recordação e outros movimentos** (2017) e **Só por hoje eu vou deixar o meu cabelo em paz** (2014). Mais especificamente, a pesquisa de que resulta este artigo, a partir da seleção de textos de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Cristiane Sobral, procurou elucidar a relação entre a mulher negra e o mercado de trabalho das Letras, considerando os privilégios do homem branco de classe dominante no mercado editorial nacional até os dias de hoje. Assim sendo, o trabalho apresenta como resultado um produto educacional que discute as questões de marginalização e protagonismo da mulher negra enquanto profissional da literatura no Brasil, autoras que conseguiram superar as barreiras e o silenciamento recorrentes na produção literária nacional. E, para tanto, problematiza o *feedback* de uma roda de conversa remota com debates e reflexões sobre os textos literários com um coletivo negro interessado em entender e debater aspectos das relações de poder e privilégio étnico-raciais e de gênero no mercado editorial brasileiro a partir de fragmentos de poemas das autoras supracitadas, uma vez recitados e coletivamente analisados.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Escritoras negras. Mercado editorial. ProfEPT. Roda de conversa.

The black women in Brazil: memories of their historical oblivion and inclusion in the publishing market

Abstract – This paper aims to select specific episodes of the History of Brazil that highlight the memory of black women's intellectual participation in the 19th-century Brazilian literature by pinpointing texts from **Antologia pessoal** by Carolina Maria de Jesus (1996), **Poemas da recordação e outros movimentos** (2008) e **Só por hoje eu vou deixar o meu cabelo em paz** (2014). Specifically, this research, based on such selection, seeks to elucidate the relationship between black women and the literary labor market, considering the upper-class white man's privileges in Brazilian publishing market until today. Therefore, the paper aims to create an educational product that discusses the issues of black women's marginalization and protagonism as literary professionals in Brazil; authors who (have) managed to overcome the recurrent barriers and silencing typical of Brazilian literary publishing environments. To this end, a recorded virtual meeting with a discussion group took place including the reading and a collective analysis of literary texts comprising fragments of poems by the aforementioned writers. The target public consisted of a study group made of high-school black female students

¹ Mestranda Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Mesquita, do Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ. *rejany.oliveira@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5274-6662>.

² Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Mesquita, do Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ. *heleno.junior@ifrj.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0275-1994>.

interested in understanding and debating aspects of power relations concerning ethnic-racial and gender-based historical privileges in Brazilian publishing houses historically speaking.

Keywords: Black writers. Dialogue Circle. Professional and Technological. ProfEPT. Publishing market.

Introdução

Ao retratarmos questões da memória ou esquecimento da mulher negra na história do mercado editorial brasileiro, lançamos um olhar sobre o universo em voga a partir dos postulados teóricos marxistas sobre o trabalho, contextualizando-o histórica, cultural e socialmente. Isso porque, para Karl Marx, o labor assume formas historicizantes específicas nos diferentes modos de produção e organização social (FRIGOTTO, 2008). Com base na perspectiva marxista, a natureza do trabalho, enquanto objeto, é historicamente determinada, seguindo a especificidade dos modos produção e contextos em que se inserem, aspecto este que nos incentiva a discutir memórias laborais ao refletirmos sobre o alijamento da mulher negra em espaços intelectuais brasileiros em mais de uma era. Afinal, que condições históricas a mantiveram longe da esfera acadêmica/literária? Vislumbrando a atividade laboral como ícone de significação existencial do sujeito, postulamos que, segundo Marcela Pronko e Lucia Maria Neves (2008), o objeto em questão, para Marx, é concebido como um processo em que o ser humano, com sua própria ação, intervém, regula, controla a natureza. A ação desse ser modifica não só o ambiente ao redor, mas também a sua própria natureza identitária. Se o trabalho diz respeito “à produção de todas as dimensões da vida humana” (FRIGOTTO, 2008, p. 400), pensar o afastamento da mulher negra de esferas de instrução formal evidencia como as dimensões laborais da população negra caminharam à margem do universo intelectual no Brasil e que desafios enfrentaram essas bravas mulheres ao emergir em tal nicho acadêmico.

Quando examinamos os papéis que as mulheres negras estavam sujeitas a desempenhar na economia escravista brasileira, vemos “que a exploração econômica da escrava, consideravelmente mais elevada que a do escravo, por ser a negra utilizada como trabalhadora, como mulher e como reprodutora de força de trabalho” (SAFFIOTI, 2013, p. 237). Após a abolição, à mulher negra foram destinadas funções socialmente desvalorizadas, pouco remuneradas e informais, ficando à margem das funções produtivas.

O problema da pesquisa teve a finalidade de promover reflexão crítica dos alunos e alunas participantes do Coletivo Preto do IFRJ, *Campus* Pinheiral, quanto ao alijamento da escritora literária negra enquanto profissional no mercado editorial. O objetivo geral foi conscientizar tais estudantes quanto à participação das mulheres negras no mundo do trabalho, especificamente no mercado editorial brasileiro, por meio de roda de conversa remota sobre o alijamento das escritoras negras. A mesma pesquisa teve, como objetivos específicos, debater acerca das razões do alijamento das escritoras negras no mercado editorial, valorizar as escritoras negras e suas obras literárias e formular uma roda de conversa remota com textos literários de escritoras negras recitados com fundo musical. A saber, a escritora homenageada na roda de conversa foi Maria Firmina dos Reis (1822-1917), por ser a primeira mulher afro-brasileira a publicar um romance em território nacional. Trechos poéticos de autoria de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Conceição Evaristo (1946) e Cristiane Sobral (1974) foram analisados por abordarem, especificamente, o tema em voga.

Materiais e métodos

Desde seu nascimento, no século XVII, a literatura brasileira constituiu uma prática exclusiva do homem branco. Durante os oitocentos, a intelectualidade não cabia à mulher caucasiana, e a mulher negra se mantinha sob trabalho escravo. Excepcionalmente, três homens afro-brasileiros despontaram no campo literário brasileiro: Machado de Assis, embranquecido pela riqueza; Cruz e Souza, tolerado pelas elites; e Lima Barreto, rejeitado por ser pobre e fazer

críticas ferrenhas ao governo. Então, é possível imaginar que, em um sistema patriarcal, hegemônico e etnográfico, se o homem negro não se despontava no mercado editorial, infimamente menores eram as oportunidades para a mulher negra nesse campo.

Diversas foram as profissões elitizadas exercidas por profissionais predominantemente masculinos e brancos. Dentre elas podemos citar a de escritor. A literatura ocidental foi produzida por sociedades hierárquicas e patriarcais em que a participação da mulher era invisibilizada. Somente entre os séculos XVIII e XIX, começaram a surgir escritoras na produção literária ocidental (SANTIAGO, 2012). Como resultado desses processos hierárquicos e patriarcais, “o silêncio cerca historicamente a prática literária de mulheres, provocando indiferença acerca de suas produções. Tal apagamento invisibiliza seus nomes e obras” (SANTIAGO, 2012, p. 148). O desconhecimento e invisibilidade de autoras negras é mais agravante ao percebemos que esse fato se dá por mecanismos de exclusão e racismo.

Durante a aplicação do produto educacional para nosso público-alvo, falamos, em primeiro lugar, sobre os pressupostos teóricos a respeito da educação politécnica e integrada. Afinal, a proposta pedagógica dos Institutos Federais de Educação origina-se de um Projeto Político Institucional (PPI) com vista à formação cidadã e profissional, crescimento da justiça social e, quiçá, à superação da divisão de classes com base no pensamento de Paulo Freire, segundo o qual o indivíduo deve se letrar a partir de práticas construtivistas, edificando o saber a partir da interação com o meio sócio-histórico-cultural a fim de promover cidadania e a formação crítico-política. Dentro desta visão, o trabalho é contemplado como princípio educativo, capaz de propiciar despertares epistemológicos e se tornar uma atividade dignificante.

Assim sendo, o Instituto Federal, em rede nacional, espera que, por meio da interdisciplinaridade e integralidade, o aluno pense, de modo omnilateral, as formas de saber encontradas nas disciplinas técnicas conjuntamente com as do propedêutico, e entenda que, para serem futuros cidadãos cômicos de seus direitos, precisam muito mais do que simples conhecimento técnico-específico a fim de pensarem criticamente o mundo em que vivem desde o espaço micro ao macro e perceberem a própria vivência em sociedade como ato político (FRIGOTTO, 2008). Baseando-se nos conceitos de educação politécnica e escola unitária, o ensino integrado pode ser compreendido como proposta pedagógica voltada para uma formação humana integral; uma formação que é o contraponto da educação fragmentada, consequência de um sistema educacional classista que vê a escola como formadora de seres humanos mutilados, unilaterais (LIMA FILHO *et al.*, 2015).

Contudo, para além disso, pensar sobre o ensino integral defendido pelos Institutos Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a educação não se restringe somente à sala de aula, inclui também a modalidade de educação não formal; educação esta que, segundo Glória Maria Gohn, pode ser definida como:

[...] um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacidade dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p. 28).

Ao utilizarmos a literatura como estratégia pedagógica para a prática da pesquisa-ação num espaço de educação não formal, pretendemos compartilhar informações que ajudarão na formação humana integral dos participantes do coletivo. Isso porque a literatura, além de proporcionar à mulher negra recente protagonismo em espaços editoriais no Brasil, ajuda-nos a propiciar e difundir denúncia social através de representações miméticas da realidade com

tom mais intimista, sentimental e comovente. Quanto à educação não formal, a definição que Gohn (2006) propõe para o conceito da sustentabilidade dá ainda maior sustentação à proposta de trabalhar com o Coletivo Preto em espaço não formal. Com isso, a educação não formal pode, assim, ser compreendida como uma área de conhecimento que possibilita processos educativos de construção de saberes via o compartilhamento de experiências, ocorridas em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2006).

Para entendermos as escritoras negras e a sua exclusão no mercado editorial, é preciso fazer um breve resgate histórico do surgimento desse ramo em território nacional. Segundo Nelson Sodré (1999), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996; 1991) e Alessandra El Far (2006), somente após a vinda da coroa portuguesa para o Brasil, em 1807, livros passaram a ser publicados em território luso-americano. Isso ocorreu quando D. João VI fundou a Impressão Régia, aos 13 de maio de 1808. Antes deste marco histórico, na qualidade de col nia portuguesa, o Brasil estivera sujeito às leis metropolitanas, segundo as quais era proibida a publica o de obras aqui. As pessoas que moravam no Brasil eram obrigadas a importar tomos de Portugal tendo que enfrentar uma série de burocracias e custos do transporte (EL FAR, 2006). Alessandra El Far expõe que “por conta da política colonial portuguesa, que proibia qualquer tipo de impressão, e de um limitado acesso   instru o e   educa o, o volume impresso no Brasil, por um longo período percorreu circuitos bastante restritos” (EL FAR, 2006, p. 9-10).

Nos quatro primeiros séculos de Brasil, escritores luso-americanos viram-se dependentes da literatura europeia, principalmente portuguesa. A domina o da metrópole não se limitou ao aspecto político e econ mico, abrangendo a cultura e, conseqüentemente, a literatura. As obras eram julgadas por uma crítica que obedecia aos requisitos do padrão da metrópole, valorizando ou desqualificando o que aqui se produzia segundo padrões estrangeiros (CUTI, 2010).

Com o passar do tempo, os escritores negros se reposicionaram com o surgimento de leitores afro-brasileiros e de uma crítica com base no movimento da negritude, fazendo com que os autores afrodescendentes passassem a se sentir mais confiantes para publicar representa es subjetivas da realidade histórica a partir de olhares que destoassem da perspectiva colonizante. Esse processo teve, como um dos marcos importantes, em 1978, o surgimento do Movimento Negro Unificado contra Discrimina o Racial (MNCDR); movimento este que, depois, passou a se chamar Movimento Negro Unificado (MNU); embora antes disso, no início do século XX, já existissem associa es negras em várias partes do país. Tais conquistas tornaram a recep o de escrituras de autoria afro-brasileira mais solidária, estimulando os escritores negros a escrever, na expectativa de que, para além do processo de cria o e publica o, leitores específicos apoiariam e apreciariam trabalho etnicamente engajado (CUTI, 2010). Mesmo assim, a divulga o dessas questões ainda   restrita, em virtude de uma resistência do grande público leitor, predominantemente branco, para com a causa, por ignorância do assunto ou romantiza o de uma mentalidade que preserva as rela es de poder entre o casarão e a senzala. Perante as circunstâncias expostas, não   de se admirar a dificuldade que as escritoras negras enfrentavam para terem suas obras publicadas bem como para o devido reconhecimento como intelectuais das letras.

Em virtude de questões políticas e étnico-raciais, a teoria pós-colonial   uma vertente que nos ajuda a compreender os percalços e desafios que as escritoras negras enfrenta(ra)m em seus trabalhos, ao assumirem a incumbência de promover um rompimento com modelos hegemônicos, capazes de determinar a forma com que nos vemos, pensamos e nos projetamos como indivíduos; modelos esses que obstruem nossa capacidade de vislumbrarmos outro ponto de vista além da mentalidade eurocêntrica, por meio do qual podemos nos imaginar, nos descrever e nos reinventar de uma maneira libertadora (hooks, 2019). Nascido na década de 1960 em ex-col nias britânicas, o pós-colonialismo trouxe reflexões sobre as fortes marcas histórico-culturais presentes em ex-col nias, sobretudo a presença da língua colonizante através

da qual o colonizado critica sua própria dependência para com a ex-metrópole e a prepotência do país colonizador que culturalmente o assombra. Assim sendo, o pós-colonialismo propõe uma incessante indagação das relações existentes entre cultura e imperialismo com o propósito de compreender a política e a cultura na área da descolonização. Além do mais, preocupa-se em criar um contexto vantajoso para os que foram marginalizados e oprimidos, recuperando assim sua história, sua voz, e abrindo espaço nos ambientes acadêmicos para a discussão de demandas antes invisibilizadas, dentre elas as pautas da mulher negra (BONICCI, 1998).

Também para Stuart Hall (2003), o pós-colonialismo oferece uma narrativa alternativa destacando contextos-chave, intencionalmente distantes de uma narratologia clássica embasada em padrões coloniais. Consequentemente, o pós-colonial tem gerado movimentos para erguer formas distintas de superação da dominação e de resistência escritas em outras narrativas e formas de vida. Tais estratégias são deslocamentos e reposicionamentos utilizados para perturbar as relações de poder coloniais perpetuadas no contexto pós-colonial. Criando uma interseccionalidade entre gênero e etnicidade, Thomas Bonicci (1998) declara que as mulheres oriundas de espaços de colonização foram duplamente colonizadas, haja vista a objetificação da mulher interceptando questões de classe e raça. Segundo o autor, a melhor estratégia para a descolonização feminina é o uso da linguagem e da experimentação linguística. Nesse sentido, a produção literária de mulheres negras se torna uma ferramenta poderosa, favorável à participação do corpo feminino não branco na esfera do trabalho intelectual.

Entender a descolonização, conforme salienta bell hooks (2019), é estabelecer um enfrentamento contra um sistema de pensamento hegemônico envolvendo um grande processo de libertação histórico-cultural. Propõe-se uma reforma de estruturas dominantes, quer seja linguística, discursiva, quer ideológica. A partir dessa percepção, as escritoras negras encaram a tarefa de transformar cenários culturalmente delineados, criar alternativas subversivas, desenvolver alternativas críticas ao pensamento hegemônico caucasiano, heteronormativo; alternativas essas que, de modo geral, sejam capazes de transformar visões de mundo. E, ao refletirmos, finalmente, sobre o protagonismo de autoras negras no universo editorial brasileiro, deparamo-nos com uma luta árdua, travada quotidianamente, no esforço de romper as barreiras que surgem ao longo do exercício da profissão. Como afirma Ana Rita S. da Silva:

Ao engendrar uma discussão em torno de projetos literários, no que se refere a rupturas com o que já está estabelecido e proposto pela tradição da arte literária no Brasil, torna-se, como se propõe estes textos, imprescindível evidenciar alguns caminhos significativos e inovadores que mulheres negras têm percorrido para banir práticas de apagamento de sua escritura, bem como promover representações e discursos literários antipatriarcais e antidiscriminatórios. Embora ausentes de circuitos editoriais e literários instituídos, elas escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando os discursos depreciativos sobre si e suas africanidades (SILVA, 2010, p. 19).

As escritoras negras se empenham para chamar atenção da sociedade para o pequeno percentual de publicações de mulheres não brancas como forma de pensar representatividade social. hooks (2018) diz que são variadas e multidimensionais as razões pelas quais poucos trabalhos de escritoras negras são publicados, porém, infere que as mais óbvias sejam o racismo, o machismo e a exploração de classe como expressões que silenciam e reprimem. Já as menos evidentes dizem respeito às lutas internas, à falta de confiança necessária para escrever, reescrever, desenvolver de forma completa a arte e a habilidade. O movimento de ocupação desse lócus literário comprova um processo de transgressão por meio do qual as mulheres procuram sair do ambiente privado de subalternidade e, assim, apropriar-se de espaços públicos de privilégio (SILVA, 2010).

A pioneira nesse movimento de ocupação do espaço literário foi Maria Firmina dos Reis, a qual traz consigo o título de primeira romancista do Brasil e autora da primeira obra nacional a citar afro-brasileiros, já em 1859. Reis foi, de igual modo, precursora do movimento de

escritoras negras no Brasil, num ato emancipatório intelectual, cultural e social. Desde então, muitas outras vêm rompendo paradigmas já mencionados e acrescentando novas pautas de inclusão social geração após geração. Assim sendo, as escritoras negras partem em combate à cultura falo-eurocêntrica hegemônica, em busca de produzir obras literárias próprias, indo contra o silenciamento e o apagamento encontrados no mundo literário. Lutando contra o estereótipo da mulher negra nos discursos literários, escritoras afro-brasileiras passam a produzir, numa mobilização de resgate, a valorização e a representação das mulheres negras num exercício de desconstrução/construção identitária. Desse modo, observemos o que Maria Conceição Evaristo, escritora negra das gerações mais recentes, assinala:

[...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto representação. Criam, então uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do outro como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito – mulher – negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54).

Ganhando destaque não somente na ficção, mas avançando no trabalho de construção teórica da mulher negra e literária no Brasil, a escritora Conceição Evaristo cunhou o termo *escrevivência* como uma maneira de designar à escritura negra resultado de próprias experiências, como também o resgate da memória ancestral (AZEVEDO, 2015). Nesse contexto, a escrita da mulher negra é marcada pelas “lembranças dos antepassados, marcados pelo sofrimento, sob a escravatura e, hoje, no cotidiano difícil de mulher negra” (AZEVEDO, 2015, p. 338). De acordo com Gomes (2004), os textos de escritoras negras são caracterizados pela marcante presença dos fatores social e de gênero. São obras que estão fortemente associadas ao desígnio de mulher negra. E, como isso é representado em trabalhos de escritoras afro-brasileiras, elas acabam “vendo-se inseridas e engajadas na própria contemporaneidade, com a consciência indelével de compartilharem de um passado comum – passado este atravessado pela escravidão, pela diáspora e pelas marcas da discriminação racial e sexual” (GOMES, 2004, p. 14).

Quando a mulher negra produz uma obra, constrói uma ponte entre o passado e o presente. Ela traduz, atualiza e altera, por meio de uma nova produção cultural, o conhecimento e a experiências adquiridos através de gerações de mulheres. Conforme acrescenta Azevedo (2015), ao escrever e dar voz aos personagens negros, é concretizada uma das finalidades da literatura afro-brasileira: revisar a história oficial da presença negra no Brasil, escrevendo obras que contenham a fala do próprio negro enquanto sujeito, concedendo-lhe a afirmação da própria voz. Quando a autora negra se recusa a ser representada pelo colonizador, ela tornar-se-á dona de uma voz que desmentirá a imposição de afasia atribuída a ela com base numa tradição escravista (GOMES, 2004).

A fala materializa o ato tanto de abraçar uma autotransformação ativa quanto de se realocar nos espaços de representação social. Por meio da voz, a pessoa deixa a condição de objeto para assumir a posição de sujeito. Na qualidade de sujeitos, nós, mulheres negras, podemos falar. Sendo objetos permanecemos sem voz, ficando definidas e interpretadas por outros (hooks, 2018). Ao refletir sobre a força da voz, a poeta e acadêmica bell hooks (2018) argumenta que, para as pessoas negras e não brancas, a verdadeira fala não é apenas uma expressão de poder criativo. Envolve ser um ato de resistência, um gesto político que enfrenta as políticas de dominação que nos silenciam. Ter uma voz libertadora é lutar para acabar com a dominação, a luta individual contra a colonização. Deixar de ser objeto para ser sujeito, possuir uma fala marcada como resistência e oposição, e não mais como posição de objeto oprimido. Há uma reivindicação de mudanças nos paradigmas, o desenvolvimento da

capacidade dialógica de falar e escutar, para assim operacionalizar uma nova forma articulação nas relações de poder.

Na qualidade de escritoras, tais mulheres negras construíram (e/ou constroem) uma narrativa da memória, capaz de transmitir as experiências pessoais e memórias que se tornam elementos vivos e pulsantes, transcendendo, até mesmo, a vida e a morte através de um legado em forma de texto-documento. Como explicita Katia Canton:

O próprio narrador, que pode ser vivido sob a figura do artista e criador, deveria, pois, transmitir o que a tradição oficial ou dominante não recorda. Essa tarefa, aparentemente paradoxal, consiste na transmissão do inenarrável, uma fidelidade aos mortos, sobretudo quando desconhecemos seus nomes e seus sentidos (CANTON, 2009, p. 28).

Isso porque a arte consegue recordar as memórias pessoais, constrói um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade. “É também território de recriação e de reordenamento da existência” (CANTON, 2009, p. 22). Afinal, a arte tem o poder de nos ensinar a sair das obviedades fazendo com que esmiucemos questões mais profundas da vida, abrindo-nos portas para novas possibilidades. Ela, em nós, desperta um olhar curioso e se situa numa dimensão livre do “pré-conceito” (CANTON, 2009). A literatura constrói e reconstrói a memória do(a) escritor(a) e, com isso, a condição de sujeito-protagonista, pois “a memória [constitui] a condição básica da nossa humanidade” (CANTON, 2009, p. 21).

Outrossim, Mail Marques de Azevedo (2015) mostra que o resgate da memória ancestral presente em diversas obras de autoras negras da América tem o propósito de recriar e reinventar a memória do povo negro. As escritoras negras valem-se da memória individual e da memória coletiva para a composição literária (AZEVEDO, 2015). Sendo assim, tais escritoras utilizam as duas categorias de memória supracitadas no processo de reconstrução do mundo ancestral negro em sua literatura, tendo, como ponto de partida, a recordação individual como fonte para criação de seus textos. Daí, a escrevivência. E, quando precisam recriar e imaginar a vida das pessoas num mundo passado, recorrem às lembranças pertencentes à coletividade com vistas para a ancestralidade. Mail Marques de Azevedo traz o argumento que a memória é um fenômeno social para reiterar que a “memória individual necessita da memória coletiva como ponto de apoio e reforço, pois é como componentes de grupo que recordamos” (AZEVEDO, 2015, p. 350-351). Para nos apropriarmos das memórias coletivas, é necessário estabelecer um entrelace entre as recordações individuais das experiências compartilhadas. Essas autoras acessam biografias de mulheres que se foram como um impulsionador para a criação literária e utilizam a arte para fortalecer o povo negro (AZEVEDO, 2015). Com isso, escritoras mais novas procuram perpetuar uma tradição e resistência contra o alijamento da mulher negra em espaços intelectuais no Brasil.

Como metodologia para a realização deste trabalho foi definida a pesquisa qualitativa, seguindo a técnica da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2003). Entendeu-se que esta escolha proporcionou uma melhor explicação para as dinâmicas sociais que surgiram ao longo da pesquisa, além de compor melhor instrumento metodológico para a compreensão dos dados e informações obtidos do coletivo de estudantes que participou do trabalho (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Assim sendo, neste trabalho, a escolha da pesquisa-ação veio da necessidade de observar e discutir como se deu a reflexão dos estudantes do coletivo, tendo, como objeto de análise, o *feedback* da roda de conversa remota a respeito do tema abordado.

Como já explicitado, foi realizada uma roda de conversa no formato de Ensino Remoto Emergencial diante do momento ímpar em função da Covid-19 (COSTA, 2020). Como esclarece Tânia Cristina Meira Garcia *et al.* (2020), o ensino remoto não é sinônimo de educação a distância, apesar de estar diretamente relacionado à tecnologia digital; ele utiliza plataformas digitais construídas para outros fins, não estritamente os educacionais, como

ferramentas auxiliares para práticas educacionais inovadoras para a situação emergencial que estamos passando. As rodas de conversa são um meio que permitem aos estudantes expressarem suas opiniões em um local de reflexão sem constrangimento, são propícias à construção de diálogos, troca de pensamentos, com momentos de fala e escuta, o que proporciona compartilhamento de sentimentos e experiências. Quando utilizamos as rodas de conversa, esperamos que elas possam nos conduzir a uma compreensão consensual e coletiva com mais profundidade, ponderação, sobre o assunto compartilhado (MOURA; LIMA, 2014). Elas nos fornecem um espaço em que haja diálogo e interação entre os sujeitos da escola, favorecendo, assim, uma intertroca de percepções e olhares pessoais e recíprocos, não somente no cotidiano escolar, mas também na relação desses alunos com o mundo (MELO E CRUZ, 2014).

O público-alvo escolhido foram discentes, com idades entre 17 e 21 anos, do gênero feminino, cursando o segundo e o terceiro anos do Ensino Médio, pertencentes ao coletivo de jovens Coletivo Preto IFRJ *Campus* Pinheiral. As participantes são estudantes dos cursos técnicos na modalidade integrada: Meio Ambiente e Informática.³

A roda de conversa remota foi elaborada a partir da estratégia de grupo focal, considerando que ele se constitui de elementos que compartilhem interesses temáticos em comum (GATTI, 2015). As vivências das estudantes participantes da pesquisa foram ao encontro do tema discutido, porque, embora o convite fosse extensivo a pessoas de todos os gêneros, somente as meninas do coletivo puderam (ou quiseram) participar. Por fim, a discussão sobre mulheres negras acabou se direcionando para alunas com essa interseccionalidade identitária. O ideal seria discutir a temática com um público diversificado, mas, sobretudo em tempos de pandemia, nem todos se dispuseram a tal.

O registro das interações na roda de conversa remota foi através gravação de um vídeo, além do *feedback* de um questionário feito com o aplicativo Google Forms preenchido ao final da atividade. Tais materiais foram utilizados para a etapa da análise dos dados, que escolhemos como material a ser observado com base na análise do discurso (GILL, 2008).

Assim, adaptamos as atividades da roda de conversa remota, mesclando as sugestões de Warschauer (2017) com as proposições de Costa (2020) do seguinte modo: introduzimos o encontro virtual com uma acolhida dinâmica em consonância com Warschauer (2017) e nos atentamos para a adequação de ferramentas pedagógicas do encontro síncrono, considerando a duração da apresentação, atratividade, leveza, eficácia e concisão do material. Com isso, foi preparada uma apresentação com *slides* no PowerPoint seguindo os critérios supracitados. A abertura se deu com a explicação do objetivo da pesquisa, reafirmando a roda de conversa como um espaço seguro de diálogo para os participantes compartilharem breves informações sobre si mesmos.

O desenvolvimento se deu da seguinte forma: foi feito um levantamento histórico da mulher negra brasileira considerando a escravidão formal, a escravidão informal e dissimulada, e a questão do mercado de trabalho associado à domesticidade. Foi destacada a importância da educação sob uma perspectiva omnilateral para a mulher negra como alternativa de arrancá-la dessas condições de opressão. Até mesmo porque, historicamente, ela não se encontra em paridade de classe com a mulher branca. Uma vez pontuada a relação história, memória e educação sociocrítica para a mulher afro-brasileira, foi feita uma menção honrosa a Maria Firmina dos Reis por seu pioneirismo e participação no mundo literário; porém, optamos por trabalhar com trechos de poemas de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Maria Conceição Evaristo (1946) e Cristiane Sobral (1974); trechos poéticos que pontuassem, especificamente, escrevivências da mulher negra, suas expectativas, sucessos e insucessos como mulheres da

³ De maneira não intencional a composição das estudantes participantes da roda de conversa foi do gênero feminino.

literatura no Brasil. Foram, assim, abordados fragmentos das seguintes obras: “Quadros”⁴, de Jesus; “De Mãe”⁵, de Evaristo; e “Ancestralidade na alma”⁶, de Sobral. Ao fim da leitura de cada obra, as alunas se posicionaram criticamente, tentando, inclusive, projetar-se em tais situações. Houve bastante participação e empolgação das adolescentes, por estarem entrando em contato com mulheres inspiradoras por meio da literatura. Foi consenso entre as alunas que é difícil para a mulher negra romper tantas barreiras nos dias de hoje, principalmente devido à atual conjuntura política nacional, mas também disseram que se sentiram representadas e encorajadas pelas três poetisas, principalmente Sobral, escritora mais jovem, com uma abordagem mais próxima à realidade das alunas participantes. A questão da identidade cultural da mulher negra como construção histórica e coletiva ficou bem patente para o público-alvo, o que bastante nos alegrou. Em relação às estratégias pedagógicas empregadas, precisamos fazer uma adaptação à realidade virtual. A princípio, teríamos poemas recitados e musicalizados no encontro; porém, como a plataforma disponível vinha apresentando problemas, como travar faixas musicais ou distorcer apresentações musicais em tempo real, optamos por utilizar um fundo musical para a declamação dos textos a fim de não nos desviarmos demais da proposta inicial.

Resultados e discussões

Neste momento, pormenorizaremos os passos que compuseram o encontro, retomando e aprofundando esta última linha de raciocínio. É pertinente reiterar que todo o conteúdo utilizado para a roda de conversa remota foi feito em formato de apresentação de *slides*. Dessa maneira, podemos, por assim dizer, que a organização desses *slides* visou provocar dois grandes momentos de reflexão. A primeira sequência de imagens foi elaborada para que os componentes do Coletivo Preto, *Campus* Pinheiral, se debruçassem sobre o conceito de trabalho e como se dão as questões raciais nas práticas laborais historicamente construídas no Brasil. A segunda sequência de projeções trouxe a proposta de debater sobre a histórica exclusão que sofreram/sofrem escritoras negras no mercado editorial e, por conseguinte, valorizar tais profissionais como sujeitos autênticos na produção literária brasileira. Com isso, ressaltamos também a importância de textos de autoras afro-brasileiras integrarem o cânone literário nacional em nome da diversidade.

Para iniciarmos a reflexão na roda de conversa, apresentamos três imagens com o objetivo de fazer os participantes identificarem que as funções produtivas são historicamente determinadas por uma hierarquia de classes profundamente marcada por questões raciais. A primeira imagem apresentada foi a obra *Café* (1935), do pintor Candido Portinari; a segunda foi o retrato de alguns membros da Academia Brasileira de Letras tirado no ano de 1901; e a última foi uma fotografia recente da Academia Brasileira de Letras de 2018, incluindo alguns membros. Cada imagem foi apresentada separadamente e, em seguida, colocada lado a lado para análise. Pediu-se às estudantes que observassem as três imagens e comentassem sobre a percepção que dispunham a respeito destas. A estudante E1 expressou-se da seguinte maneira:

Na terceira imagem é basicamente pessoas brancas. Majoritariamente homens, acho. É que eu só vi uma mulher ali, no máximo duas. É que não estou enxergando. Na figura dois, a mesma coisa. Ali no meio, eu consigo enxergar um homem preto, mas não tenho certeza. É uma foto em preto e branco. E a primeira imagem é aquilo que a gente conhece: café, trabalho, pessoas pretas estão ali lindamente; lindamente não,

⁴ JESUS, Carolina Maria. Quadros. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **Antologia pessoal/Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 197-202.

⁵ EVARISTO, Conceição. De Mãe. In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 79-80.

⁶ SOBRAL, Cristiane. Ancestralidade na alma. In: SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília: Livro eletrônico, 2014. s.p. *E-book*.

infelizmente. E é isso, isso que consigo observar, não fazendo uma análise muito profunda (E1).

Após a fala da E1, apresentou-se o conceito marxista de trabalho que conceitualiza como toda ação intencional cria e recria a própria existência do homem, intencionalmente modificando materiais da natureza para suprir as necessidades para a nossa existência (NEVES; PRONKO, 2008). Dessa vez, foi solicitado que refletissem sobre como o trabalho poderia ser relacionado com as imagens. A E1 comentou: “dá pra gente perceber que o conceito de trabalho que é diferente pra cor, entre aspas”. A compreensão da diferença na composição dos trabalhadores entre as práticas laborais socialmente valorizadas e aquelas de maior exploração demarcadas pela cor manifestaram-se na fala da estudante.

Dando continuidade à apresentação dos *slides*, através do recurso visual de uma fotografia com mulheres reunidas trabalhando numa fazenda, foi explicado que o foco da pesquisa era sobre as escritoras negras e que, para tanto, passaríamos brevemente por uma breve reflexão histórica sobre a mulher negra e o trabalho no Brasil. Para fazer este apontamento, relatamos que, desde que as mulheres negras, sendo arrancadas de suas tribos no continente africano, chegaram às terras brasileiras, foram submetidas a uma economia escravista e foram forçadas a trabalhar como escravizadas. Eram sexualmente abusadas e serviam como reprodutoras de força de trabalho (SAFFIOTI, 2013). A condição de exploração no mundo do trabalho manteve-se após a abolição até os dias atuais, com as mulheres negras sendo destinadas às funções socialmente desvalorizadas, mal remuneradas e informais. Fazer esta ponderação levou as participantes a pensarem que a correlação entre a exclusão das escritoras negras e as condições de produção de trabalho aponta para um problema social em grande escala: a saber, a exploração que sofrem muitas mulheres afro-brasileiras no mundo do trabalho.

Iniciamos, então, a etapa da apresentação das escritoras negras selecionadas para a roda de conversa. Para isso, foram feitos *slides* com fotografias e uma breve biografia das autoras. A primeira escritora apresentada, menção honrosa, foi Maria Firmina dos Reis pela importância já salientada. A segunda escritora negra foi Carolina Maria de Jesus, sendo literariamente representada pelo poema “Quadros”, como já dito. Após a declamação do excerto, a E1 fez a seguinte fala:

O poema tá com uma linguagem bem direta. É bem fácil de ler e a gente não consegue nem saber se foi escrita há cem anos atrás, ou se foi por uma mulher dessa sociedade agora. Não mudou tanta coisa assim, infelizmente (E1).

Quando as alunas foram indagadas sobre o que acontecia com as intelectuais negras em relação aos respectivos sonhos e vocações, tivemos a seguinte resposta:

Acontece que basicamente elas são chamadas de loucas. Ninguém acredita que isso possa fazer. Uma mulher negra, principalmente se for uma mulher periférica, mais difícil ainda. Mesmo se não for, ainda é taxada como louca, como a sonhadora demais. Tá sonhando muito alto. Hoje em dia e antigamente também. E ela retrata isso muito bem aqui. É taxada como louca e tem um papel para negra na sociedade que é ter trabalho como doméstica ou ser dona de casa (E1).

A terceira escritora negra a ser considerada foi Conceição Evaristo, uma autora que traz, em suas obras, o retrato da mulher afro-brasileira com uma perspectiva afrocentrada. Usa as escrituras para fazer um resgate da memória ancestral e narrar vivência coletiva dos afrodescendentes (AZEVEDO, 2015). Também, como já dito, o texto escolhido para a roda de conversa foi o poema “De mãe”. Os estudantes expressaram o que sentiram com a recitação do poema:

Com certeza é bem forte, porque só pelo palavreado que ela usa, pelas metáforas que ela usa, a gente consegue perceber que é uma coisa bem forte. Tem uma parte que me chamou atenção: “Foi mãe que me fez sentir as flores, amassadas debaixo das pedras”,

que eu achei essa metáfora muito bonita e forte também. Não sei nem explicar o porquê na verdade, mas me chamou atenção essa parte (E1).

Quando indagadas sobre o incentivo que a sociedade dá para as mulheres negras com aspirações a escritoras, a seguinte fala foi proferida por uma das participantes:

A sociedade, ela meio que encobre muito. Tipo, não é tão visível o trabalho da mulher preta. Já não é tão visível pelo fato histórico, né? Porque, querendo ou não, quando as mulheres brancas iam lutar pelos seus direitos, as mulheres negras ainda ficavam em casa cuidando dos filhos das mulheres brancas. Então tem muito isso. É meio que as mulheres brancas começaram a buscar seus valores e as mulheres negras ficaram em casa. Então sempre esse estímulo para as mulheres negras, sempre colocando elas embaixo, sabe? Sempre as de pele branca em cima, e as de pele negra embaixo, refletindo isso. Então, mesmo na parte da literatura da escrita e tal, as mulheres negras sempre meio que abafadas, sabe? Não é uma coisa mais visível e muitas delas é até bem melhores, na minha opinião, que as brancas na escrita; mas, devido a esses fatos, essas coisas, já o racismo que sofrem, o machismo, elas acabam ficando não visível ao tanto que deveriam para a sociedade (E2).

A fala da E2 corrobora com as considerações teóricas de Florentina Souza (2012) sobre escritoras da literatura afro-brasileira. A autora salienta que, devido à tradição patriarcal na literatura, as autoras negras têm sido pouco representadas nas histórias e críticas literárias. Suas obras foram muitas vezes ignoradas e ganharam o selo de literatura de qualidade inferior, não fazendo parte dos cânones da literatura nacional (SOUZA, 2012).

Acerca da presença e participação significativa da escritora afro-brasileira no mercado editorial atual, a fala da E1 é contundente:

Não, definitivamente não. Primeiro porque os livros escritos pelas mulheres pretas não são valorizados e não são divulgados como deviam. Eles não colocam uma recente escrita de uma mulher preta numa vitrine pra dizer que é um *best-seller*. Inclusive quase nunca vejo. Geralmente tá sempre escondidos entre aspas nas livrarias. A gente tem que dar uma procurada pra se a gente quiser achar uma mulher preta, uma escrita de uma mulher preta, dependendo se é romance ou se é literatura brasileira, a gente precisa dar uma procurada. Qualquer gênero que seja (E1).

Nessa situação, fica nítida a percepção empírica que as estudantes têm no que se refere à inclusão de escritoras negras no mercado editorial brasileiro, em como ainda predomina o fato de autores brancos continuarem recebendo mais destaque. Tais observações maduras fazem-nos perceber uma direta identificação entre as adolescentes que, mesmo tendo de enfrentar inúmeros desafios rumo às suas próprias inclusões no mundo intelectual brasileiro, sentiram-se encorajadas não só com a escritura das autoras supracitadas mas também com a própria proposta da pesquisa de ir ao encontro delas, sobretudo, durante os difíceis tempos de pandemia, em prol de uma palavra de sororidade e ânimo para uma nova geração de mulheres negras. Houve um misto de consolo, motivação e gratidão nas considerações finais das alunas, apresentadas no transcrito deste tópico.

Para o fechamento da roda de conversa, retomamos a pauta principal, destacando o que mais significativo ocorreu durante a conversa. Essa etapa se mostrou muito importante para os participantes falarem como se sentiram, quanto às suas percepções sobre a roda de conversa, e as contribuições que ela trouxe. As opiniões das três participantes a respeito da roda de conversa foram estas:

É bastante importante mesmo. Esses diálogos são tão impactantes, que impacta a nossa vida de qualquer modo. Eu realmente gosto de ter esses diálogos, que a gente sai da roda pensando sobre isso. Depois até dou umas pesquisadas, vejo algumas coisas. Eu gosto desse tipo de diálogo que provoca um sentimento na gente de ficar depois da roda fazendo alguma coisa em relação a isso (E1).

Eu acho que essa é também uma forma de evoluir porque igual como elas escrevem, usam o texto como um grito de fala. Você também, pesquisadora, fez isso de toda

maneira; porque você apresentou esse tema pra gente tão importante na nossa sociedade atual. É meio que você, pesquisadora, já passou pra gente como a sociedade age perante as mulheres negras. Então a gente, assim, vai passar pra frente. Quando alguma pessoa chegar para gente e perguntar algo do tipo, a gente vai saber explicar e vai saber mostrar como é. Então, querendo ou não, a gente quebra, vai quebrando aos poucos esse encobrimento sobre elas, as mulheres negras. O que as mulheres negras passam. Então, achei isso muito importante também. (E2).

Eu também achei muito importante questionar isso porque é o que você, pesquisadora, tinha dito, eu tive essa literatura com a professora [...], a gente sabe que nem todos os professores são assim, a [...] na verdade ela abre mão de algumas coisas, é tipo um momento de resistência dela, ela mesma fala isso, tanto que quando entra uma professora substituta a gente não teve a essas pessoas. Começa a ter acesso a escritores antigos, brancos, homens, e eu acho que é importante a gente falar sobre isso pra saber, porque que não é estudado isso, porque eu acredito que isso também deveria ser estudado na escola, mas não é, porque infelizmente a gente sabe que desde antigamente e isso vai continuar se perpetuando por algum tempo se a gente não se questionar agora sobre o que está acontecendo. Isso é muito importante (E3).

Também como já exposto, um questionário feito na plataforma digital Google Forms foi entregue às participantes através de um *link*. A avaliação geral foi positiva, as respostas escritas reforçaram os resultados já expostos pelas participantes em suas falas, afirmando ter sido uma experiência satisfatória e rica de aprendizado. Segundo tais relatos, a presença de uma pesquisadora negra propiciou um contexto em que as falas foram se construindo de maneira orgânica, intimista, acolhedora, deixando as participantes “à vontade” e seguras para relatarem experiências pessoais sem receio.

Portanto, no que se refere ao objetivo da pesquisa, a saber, promover a reflexão crítica das alunas participantes do Coletivo Preto sobre o alijamento da profissional escritora negra no mercado editorial a partir de uma roda de conversa remota, temos como percepção que a aplicação do produto educacional bem como os resultados da pesquisa demonstram que a roda de conversa se encerrou com êxito. Na fala das estudantes, observamos como ainda são ausentes escritoras negras no mercado editorial brasileiro, e como as alunas enfrentam e enfrentarão desafios ao vivenciarem a condição de afro-brasileiras no contexto em que nos encontramos. Como resultado dessa reflexão, a pesquisadora e as participantes da pesquisa estão em pleno acordo com o fato de que necessitamos de mais espaços em que se discutam não somente a produção das escritoras negras, mas a participação da mulher negra em espaços de privilégio e intelectualidade no Brasil. Falar sobre as escritoras em voga foi apenas uma questão didática e estratégica para se discutir a questão do silenciamento da mulheridade afro-brasileira; porém, a realidade da mulher negra ainda transcende, em muito, o nicho das escritoras. É preciso defender uma educação omnilateral que atenda às necessidades desta mulher, que a empodere e que a liberte, definitiva e amplamente, de uma herança de domesticidade escravagista.

Considerações finais

Em conformidade com as teorias marxistas, o trabalho é determinado historicamente, seguindo a especificidade de cada etapa no modo de produção e contextos específicos. Assim sendo, o labor exerce o poder de determinar a significação existencial do sujeito, influenciando como ele se vê e é visto pela sociedade.

Quando confrontamos questões de raça e etnia em discussões trabalhistas em espaços supostamente pós-coloniais, ficamos diante de um quadro em que cargos mal remunerados e desvalorizados são preenchidos majoritariamente pela população negra, ficando as posições de liderança e prestígio reservadas para a branquitude. Ampliando a complexidade da temática numa perspectiva interseccional, que aglutina questões étnico-raciais e de gênero, percebemos implicações maiores na questão de empregabilidade para a mulher negra, visto que o processo

de colonização também se baseia em raízes extremamente sexistas. Por fim, essa conjunção entre gênero e questões étnico-raciais são elementos decisivos para compreendermos os papéis subalternos que as mulheres negras desempenha(ra)m na sociedade brasileira.

Após pormos em prática a roda de conversa com o intuito de discutir a exclusão da mulher afro-brasileira no mercado editorial brasileiro, observamos a participação entusiasmada das estudantes ao longo do encontro virtual. Tal ambiente informal de aprendizagem tornou-se um espaço acolhedor e seguro em que as participantes puderam dialogar livremente e verbalizar suas experiências. Através de suas narrativas pessoais, identificamos que o bate-papo em grupo trouxe reflexões pertinentes acerca da exclusão das mulheres negras escritoras, do papel destinado às mulheres negras historicamente construído, das violências racistas que estas enfrentam na sociedade, bem como acerca da importância e do desejo de espaços e oportunidades para aprender mais sobre as escritoras negras e suas obras.

Com isso, compreendemos que a roda de conversa pôde promover a reflexão crítica das alunas sobre o alijamento da profissional escritora negra no mercado editorial nacional, fortalecendo os pressupostos teóricos da educação técnica e tecnológica para a formação humana integral, comprometida com uma sociedade mais democrática e igualitária.

Referências

AZEVEDO, Mail Marques de. A escrituragem na literatura feminina da diáspora negra. *In*: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. **Panorama da literatura negra Ibero-Americana**. Curitiba: Imprensa UFPR, 2015. p. 324-358.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf. Acesso em: 05 nov. 2019.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. [Coleção temas da arte contemporânea].

COSTA, Maria Adélia da. **Metodologias ativas de aprendizagem aplicadas ao ensino remoto emergencial**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2020. *E-book*.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. *E-book*.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista da Fundação Palmares**, (Ensaios). Brasília: Ministério da Cultura, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 79-80.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho. *In*: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França. (Org). **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. p. 399-404.

GARCIA, Tânia Cristina Meira *et al.* **Ensino remoto emergencial**: proposta de design para organização de aulas [recurso eletrônico]. Natal: SEDIS/UFRN, 2020. PDF.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. *In*: GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOHN, Maria Gloria. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.

GOMES, Heloisa Toller. Visíveis e Invisíveis Grades: Vozes de Mulheres na Escrita Afrodescendente Contemporânea. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia: EDUFU, v. 12, n. 15, p.13-26, 2004. Disponível em: [Microsoft Word - AlineFrancaArtigoHeloisa.doc \(ufmg.br\)](#). Acesso em: 02 fev. 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2018. *E-book*.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019. *E-book*.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**: livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LIMA FILHO, Domingos Leite *et al.* Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n63/1413-2478-rbedu-20-63-1057.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **Antologia pessoal/Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222>. Acesso em: 11 maio 2020.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/11399>. Acesso em: 15 jul. 2019.

NEVES, Lucia Maria Wanderley; PRONKO, Marcela Alejandra. **O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado**: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufrb.edu.br/handle/123456789/771>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des) silenciamentos e ressignificações. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 20-37, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3622/2995>. Acesso em 15 ago. 2019.

SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília: Livro eletrônico, 2014. *E-book*.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. (atualizada) – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Florentina. Prefácio. In: SANTIAGO, Ana Rita. (Org.). **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012. p. 9-13. Disponível em: <http://www.repositorio.ufrb.edu.br/handle/123456789/771>. Acesso em: 15 ago. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

WARSCHAUER, Cecília. **Entre na Roda**. A formação humana nas escolas e nas organizações. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.